

# **LAS POLÍTICAS NEOLIBERALES Y LA CIUDAD EN AMÉRICA LATINA DESAFÍOS TEÓRICOS Y POLÍTICOS**

**Pedro Pérez  
María Carla Rodríguez  
(compiladores)**



INSTITUTO DE INVESTIGACIONES

**IIGG** | **GINO**  
**GERMANI**

FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES - UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES

El presente libro contiene una selección de los trabajos presentados en el V Seminario de la Red Latinoamericana de Investigadores sobre Teoría Urbana (RELATEUR), organizado conjuntamente con el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC) y el Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG) de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires (UBA) (Buenos Aires, 27-30 de julio de 2021)

Pérez, Pedro

Las políticas neoliberales y la ciudad en América Latina : desafíos teóricos y políticos / Pedro Pérez ; María Carla Rodríguez. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Universidad de Buenos Aires. Instituto de Investigaciones Gino Germani - UBA, 2022.

Libro digital, PDF - (Seminarios y jornadas)

Archivo Digital: descarga y online

ISBN 978-950-29-1946-1

1. Sociología Urbana. 2. América Latina. I. Rodríguez, María Carla. II. Título.

CDD 307.76098

Otros descriptores asignados:

Teoría urbana crítica / Procesos urbanos latinoamericanos / Financiarización periférica / Urbanización bajo lógicas no mercantiles / Epistemología y metodología de la investigación urbana



INSTITUTO DE INVESTIGACIONES

**IIGG** | **GINO GERMANI**

FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES - UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES

## Colección Seminarios y Jornadas

**Martín Unzué** - Director

**Carolina De Volder** - Coordinadora del Centro de Documentación e Información

### Comité Académico del Instituto de Investigaciones Gino Germani

**Rosana Abrutzky** - Coordinación técnica

#### INVESTIGADORES

##### Titulares

Dr. Pablo Dalle (Director alterno)

Dra. Ana Clara Camarotti

Dra. María Carla Rodríguez

Dr. Jorge Daniel Castro Rubel

##### Suplentes

Dra. Analía Inés Meo

Dr. Marcelo Raffín

Dra. María Gabriela D'Odorico

Dr. Ricardo Jesús Laleff Ilieff

#### CLAUSTRO DE AUXILIARES

##### Titulares

Mag. Rosana Abrutzky

##### Suplentes

Mag. Vanina Inés Simone

#### CLAUSTRO DE BECARIOS

##### Titulares

Lic. María Victoria Imperatore

Lic. Martín Hernán Di Marco

Agustina Trajtemberg

##### Suplentes

Lic. Luca Zaidan

Lic. Mirna Lucaccini

Lic. Sebastián Lemos

**Eduardo Rosende** - Corrección de estilo y composición

**Silvia Leone** - Diseño de tapa

#### Instituto de Investigaciones Gino Germani

**Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires**

Pte. J.E. Uriburu 950, 6° piso (C1114AAB), Ciudad de Buenos Aires, Argentina

[www.iigg.sociales.uba.ar](http://www.iigg.sociales.uba.ar)

ISBN 978-950-29-1888-4



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercialCompartirIgual 4.0 Internacional

# ÍNDICE

Introducción. Aportes desde América Latina para una comprensión crítica de los procesos urbanos latinoamericanos <i>María Carla Rodríguez y Pedro Pírez</i> .....	11
--	----

## PARTE I

### **La reconfiguración de la urbanización en América Latina durante los años de hegemonía neoliberal**

#### **1. Perspectivas sobre los procesos del capital y sus efectos urbano-territoriales**

Financeirização periférica, neoextrativismo e urbanização dependente na América Latina <i>Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro y Nelson Diniz</i> .....	25
---	----

La financiarización de las infraestructuras y su impacto en la configuración del territorio <i>Alfonso Valenzuela Aguilera</i> .....	53
---	----

#### **2. Algunas dimensiones particulares**

Inflexão neoliberal, milícias e o controle dos territórios populares: desafios para a teoria urbana crítica na América Latina <i>Orlando Alves dos Santos Junior</i> .....	79
---	----

De antiguas periferias a áreas pericentrales: reconfiguraciones  
socioterritoriales en las metrópolis de América Latina. El caso de  
Restrepo y barrios aledaños en el pericentro sur de Bogotá  
*Thierry Lulle*..... 103

Corredores urbanos terciarios: configuración socioterritorial  
de la zona metropolitana de Cuernavaca, México  
*Blanca Rebeca Ramírez, Carla Filipe Narciso, Lisett Márquez López  
y Rafael Mora López* ..... 137

El proceso de neoliberalización en la gestión urbana local  
y la institucionalización de Convenios Urbanísticos.  
¿De la mercantilización a la captura del marco regulatorio urbano?  
*Natalí Peresini*..... 165

### **3. Aristas de la producción de la ciudad desde lógicas no mercantiles**

La compleja relación de la urbanización popular  
con la mercantilización capitalista  
*Pedro Pérez* ..... 195

Hacia una definición sociológica de la informalidad urbana  
*Julio A. Calderón Cockburn* ..... 213

La resolución de la necesidad de vivienda en la periferia histórica  
del Gran Santiago  
*Paula Rodríguez Matta*..... 231

Produção comum do espaço: a construção teórica  
de uma alternativa  
*Renan dos Santos Sampaio* ..... 253

## **PARTE II**

### **Reflexiones epistemológicas y metodológicas sobre la producción de objetos de conocimiento en la investigación urbana**

División intelectual del trabajo: de la generación del conocimiento  
al colonialismo académico  
*Blanca Rebeca Ramírez* ..... 281

Ideologías coloniales, narrativas y percepciones populares persistentes de otredad etno-racial en las cambiantes dinámicas de exclusión urbana. Debates y evidencia sobre México, Colombia, Chile y Argentina <i>Javier Ruiz-Tagle y Carolina Aguilera</i> .....	305
Circulación de ideas de planificación urbana y de políticas urbanas en América Latina <i>Guillermo Jajamovich, Camila Saraiva y Gabriel Silvestre</i> .....	331

**2.**

## **Algunas dimensiones particulares**

Orlando Alves dos Santos Junior<sup>1</sup>

## **INFLEXÃO NEOLIBERAL, MILÍCIAS E O CONTROLE DOS TERRITÓRIOS POPULARES: DESAFIOS PARA A TEORIA URBANA CRÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

A motivação deste artigo é contribuir com a construção de uma agenda de pesquisa no campo da teoria urbana crítica (Brenner, 2012) em torno de dos movimentos sociais e das possibilidades de insurgência emancipatória no contexto da inflexão conservadora que emerge em vários países do continente latinoamericano. Essa inflexão conservadora se expressa não apenas no triunfo eleitoral de candidatos de ultradireita, mas também na expansão do fenômeno das milícias nos territórios populares e no surgimento de anti-movimentos sociais que se auto-denominam conservadores. Nesse contexto, o Brasil parece despotar como um bom caso para a reflexão, tendo em vista a eleição de Jair Bolsonaro para presidente (2018) e a simultânea expansão das milícias em diversas cidades brasileiras, em especial na cidade do Rio de Janeiro.

Em diversos países, nos mais variados continentes do planeta, assistimos à ascensão do neoliberalismo como ideologia dominante (Harvey, 2005). Este processo tem sido marcado pela impressionante capacidade das forças políticas conservadoras de difundir suas ideias e interesses através de ações que combinam diferentes estratégias de persuasão e coerção, consenso e imposição. No centro da sua narrativa está a defesa de que não há alternativas em termos de projetos de sociedade além daquele baseado na utopia do livre mercado. A difusão do neoliberalismo como ideologia dominante ocorre paralelamente ao fortalecimento e crescente difusão de valores conservadores, atos de

---

1 Sociólogo, Doutor em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR / UFRJ), professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, pesquisador do Observatório das Metrópoles. Bolsista de produtividade CNPq - Nível 2.



intolerância, preconceitos raciais, retorno da defesa do machismo, homofobias, xenofobias, entre tantas outras manifestações reacionárias.

Este cenário, presente em diversos países no mundo e que parecia distante da realidade latino americana até muito pouco tempo, passa a fazer parte do contexto político do região na contemporaneidade, com a inflexão neoliberal e a vitória de candidatos de ultra direita, sendo a eleição de Bolsonaro (2018), no Brasil, exemplar deste fenômeno.

Observando as tendências políticas dos países da América Latina no final dos anos 1990 e nas primeiras duas décadas do século XXI, podemos perceber um movimento pendular com a alternância da esquerda e da direita no comando dos governos dos países no Continente.

Vale lembrar que a América Latina viveu um ciclo de experimentos progressistas, iniciados no fim da década de 1990 até a primeira década dos anos 2000. Fazem parte desse movimento de busca de alternativas a eleição de inúmeros candidatos reconhecidos como de esquerda na região: Hugo Chávez na Venezuela, Lula no Brasil, Rafael Correa no Equador, Evo Morales na Bolívia, Daniel Ortega na Nicarágua, Lugo no Paraguai, Jose Mujica no Uruguai, Néstor Kirchner na Argentina; e Ollanta Humala no Peru. Independente do fato de muitos deles terem adotado políticas neoliberais ou mudado de posições políticas se aproximando do espectro conservador e da agenda da direita, é significativo o número de candidatos identificados como de esquerda eleitos neste período na América Latina. Assim, na primeira década dos anos 2000, o movimento político parecia tender à esquerda, enquanto na segunda década deste século, o sentido foi o inverso com a direita ganhando as eleições em diversos países, como Argentina, Chile, Colômbia, Peru e Brasil.

No entanto, o balanço das eleições mais recentes ocorridas nos países do Continente, desde 2018, mostra um cenário mais complexo.<sup>2</sup> Os partidos de centroesquerda ganharam as eleições em diversos países como México (2018), Argentina (2019), Bolívia (2020), Panamá (2019), Chile (2021) e Perú (2021), enquanto o campo político conservador de direita também obteve vitórias expressivas em vários países como Brasil (2018), Colômbia (2018), Uruguai (2019), Guatemala (2019) y El Salvador (2019).

No entanto, o que chama a atenção não é exatamente a alternância da esquerda e da direita mas a ascensão de grupos conservadores da ultra direita no Continente. Essas mudanças impactam fortemente

---

2 Ver <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/19/por-que-a-ideia-de-que-a-amee-rica-latina-pende-a-esquerda-ou-direita-perdeu-o-sentido.ghtml>, acessado em maio de 2021.

tanto o padrão de relação entre governo e sociedade quanto à dinâmica dos movimentos sociais e seus repertórios de ação nos territórios.

O caso brasileiro, apesar de surpreendente, não é um caso singular tendo em vista que muitos outros países que passaram por experiências de governos progressistas ou desenvolvimentistas, foram sucedidos por governos conservadores e neoliberais.

No caso do Brasil, muitos autores têm se debruçado sobre esta inflexão, buscando entender as razões que levaram a derrota do projeto progressista que estava em curso e a vitória de Jair Bolsonaro e de seu projeto conservador. Essas análises ressaltam dimensões e contradições fundamentais para entender este processo, tanto do ponto de vista macroeconômico (Prates, Fritz and Paula, 2017; Singer, 2015) como do ponto de vista da coalizão política que sustentava o governo Lula-Dilma e dos conflitos de classes associados aos diferentes interesses no seu interior (Singer, 2018; Singer and Loureiro, 2016; Gentili, 2016). Contudo, apesar das importantes contribuições dessas análises, ainda permanece um enigma: entender porque e como as classes populares se convenceram e aderiram ao projeto conservador de Jair Bolsonaro, votando em sua candidatura, mesmo que este estivesse em franca oposição aos seus supostos interesses objetivos de classe. Em outras palavras, é fundamental discutir quais são as bases de legitimação dos projetos conservadores.

Neta direção, este artigo busca contribuir com esta discussão abordando teoricamente um aspecto que tem recebido pouca atenção nas análises políticas, que diz respeito a relação entre valores e os projetos societários mais amplos (dimensão universalista), e os territórios concretos vividos cotidianamente pelas pessoas (dimensão particularista), nos quais podem surgir movimentos sociais e insurgências emancipadoras.

A destruição criativa do neoliberalismo (Theodore, Peck y Brenner, 2009) atinge não apenas espaços urbanos, as instituições de gestão, as regulações sociais e as representações simbólicas, mas também os padrões de coesão social, as formas associativas, as identidades e os repertórios de ação coletiva conflitual. Estas últimas dimensões ainda tem sido relativamente pouco explorada no campo da teoria urbana crítica.

Nesta perspectiva, o objetivo deste artigo é, tomando o caso do Brasil, refletir sobre os impactos da emergência de movimentos políticos ultraconservadores sobre as formas de ação coletiva nos territórios populares e os movimentos sociais de contestação, tendo como referência o contexto de avanço das milícias na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Em síntese, o artigo está estruturado em torno de quatro tópicos: (i) a emergência de novas formas de ação coletivas ultracon-

servadoras como antimovimentos sociais e antipolítica; (ii) O impacto da inflexão ultraconservadora sobre os padrões de coesão social dos territórios populares; (iii) Algumas notas preliminares sobre as práticas das milícias na periferia da metrópole fluminense; e (iv) As disputas por novos padrões de solidariedade e coesão locais na perspectiva da insurgência e do direitos à cidade.

As reflexões e ideias apresentadas neste artigo tem como perspectiva contribuir com o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa no campo da teoria urbana crítica, em torno da ação coletiva, dos movimentos sociais e das insurgências no contexto da inflexão ultraconservadora que atinge diversos países, não só na América Latina, mas ao redor do mundo.

## **1. A EMERGÊNCIA DE NOVAS FORMAS DE AÇÃO COLETIVAS COMO ANTIMOVIMENTOS SOCIAIS E ANTIPOLÍTICA**

Existe um esforço na literatura sobre movimentos sociais em identificar os elementos que caracterizam esta forma específica de ação coletiva, diferenciando-a de outras, o que possibilitaria chamar determinadas ações coletivas de movimentos sociais e outras não (Gohn, 2008). Na perspectiva de precisar este conceito, Tilly (2010: 136) considera os movimentos sociais como uma “forma política inventada”, que surge ao redor do século XVIII, muito provavelmente impulsionada pela crescente separação entre as esferas da economia, da sociedade política e da sociedade civil, que marcam o desenvolvimento do capitalismo (Wood, 2011). Tilly

trata os movimentos sociais como uma forma específica de política contenciosa —contenciosa, no sentido de que os movimentos sociais envolvem a elaboração coletiva de reivindicações que, alcançando sucesso, conflitariam com os interesses de outrem; política, no sentido de que governos, de um ou outro tipo, figuram de alguma forma nesse processo, seja como demandantes, alvos das reivindicações, aliados desses alvos, ou monitores da contenda. (2010: 136)

Para Tilly (2010), um movimento social seria resultado da síntese de três elementos: (i) campanha, que expressa “um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades”; (ii) repertório de ação e performances, que expressam a combinação e configuração de determinadas e diferentes formas de ação política em contextos de conflito (Alonso, 2012), o que pode envolver a criação de associações ou coalizões com determinados objetivos, reuniões públicas, abaixo-assinados, ocupações, manifestações, difusão de campanhas nos meios de comunicação de massa, panfletagens e outras formas de ação política; (iii) e o que se pode interpretar como

linguagens, representações simbólicas e comportamentos próprios ao movimento, o que Tilly denomina de Demonstrações de Valor, Unidade, Números e Comprometimento (VUNC), tais como o uso de distintivos, bandeiras e roupas ou certas atitudes específicas que demonstrem o vínculo e o compromisso simbólico e comportamental dos agentes com a ação coletiva.

Considerando que a noção de demonstrações de VUNC se assemelha muito as abordagens em torno da linguagem, das representações e dos comportamentos no âmbito dos movimentos sociais, tal como formulado por diversos autores, como Sader (1988), na discussão sobre linguagem e discurso, e por Gohn (2008) quando trata das práticas comunicativas e das culturas próprias a esta forma de ação coletiva, preferimos utilizar a noção de linguagens, representações e comportamento para dar conta desta dimensão.

Como Tilly argumenta, se considerados separadamente, (i) campanhas, (ii) repertórios de ação e performances e (iii) linguagens, representações e comportamentos frequentemente também ocorrem fora dos movimentos sociais, em outras organizações como igrejas, escolas, universidades, sindicatos e corporações profissionais. Mas, juntos, estes elementos seriam aquilo que caracterizariam os movimentos sociais. Como o autor sustenta, “ninguém é dono do termo ‘movimento social’; analistas, ativistas e críticos mantêm-se livres para usá-lo como quiserem” (Tilly, 2010: 141), mas a polissemia no uso desse conceito acaba por dificultar o entendimento da especificidade dos movimentos sociais e de suas diferenças com outras formas de ação coletiva.

No contexto da inflexão ultraliberal, parece emergir uma nova forma de ação coletiva reacionária-conservadora que se distingue dos movimentos sociais em diferentes aspectos, apesar de interagir com alguns dos seus elementos, tomados separadamente, por vezes acionando repertórios de ação e performances característicos dos movimentos sociais.

Pelo seu caráter reacionário-conservador, essa nova forma de ação coletiva poderia ser caracterizada, ainda que provisoriamente, como contramovimento social (Rezende, 2016) ou antimovimento social e precisa ser mais bem pesquisada e compreendida. Ainda de uma forma muito geral, essa nova forma de ação parece se caracterizar pelos seguintes aspectos: (i) negação da política e da democracia como esfera pública de regulação dos conflitos e como convivência com o outro, com o diferente; (ii) formas centralizadas e opacas de decisão, fortemente hierarquizadas; (iii) formas de controle comportamental vinculadas a instituições religiosas conservadoras, em geral igrejas neopentecostais; (iv) repertório de ação assentado no controle difuso de redes sociais, com a produção e difusão de notícias próprias (incluindo uma vasta

produção de notícias falsas, as chamadas *fake news*) e voltados para públicos específicos; (v) possuir vínculos com grupos milicianos armados, os quais sustentam e legitimam nas suas ações coletivas, fortalecendo a “militarização insidiosa da vida nas cidades” e o “urbanismo militar”, tal como formulado por Graham (2016: 26). A expressão urbanismo militar busca dar conta da “mudança paradigmática que torna os espaços comuns e privados das cidades, bem como sua infraestrutura —e suas populações civis—, fonte de alvos e ameaças” (Graham, 2016, op. cit.). O urbanismo militar se manifestaria no “no uso da guerra como metáfora dominantes para descrever a condição constante e irrestrita das sociedades urbanas —em guerra contra as drogas, o crime, o terror, contra a própria insegurança”. E é esse contexto de guerra que justificaria e legitimaria o crescente controle armado dos territórios populares e as práticas de gestão fundadas na tirania por parte das milícias.

Por fim, essa nova forma de ação coletiva parece ser profundamente heterogênea no seu interior. Na verdade, o que a unifica não parece ser uma campanha ou reivindicação clara, pois não há unidade interna, a não ser pela negação, o que permite o uso aqui do prefixo “anti” para a caracterização desta nova forma de ação política —antiesquerda, antidemocracia, antiliberdade—, e a existência de lideranças mais ou menos carismáticas, que conseguem agregar um conjunto amplo de pessoas e diversas organizações de base territorial, intermediando interesses coletivos e o sistema institucional legal ou ilegal.

A expansão e o crescimento das milícias nos territórios populares ocorre simultaneamente à expansão e ao crescimento dessas novas formas de ação coletiva caracterizadas como antimovimentos sociais. Se este processo parece assumir contornos mais bem definidos na Cidade do Rio de Janeiro, isso não significa que não estejam também se expandindo para outras cidades do Brasil e para outros países da América Latina. Refletindo sobre a forma de ação e o papel das milícias no golpe de Estado<sup>3</sup> de 2019 na Bolívia, quando o presidente em exercício, Evo Morales, foi obrigado a renunciar, Vitagliano (2019) destaca que “as milícias podem se camuflar do clamor das ruas, são militarizadas, mas bem menos burocráticas que os aparelhos estatais e conseguem se mobilizar rapidamente. Com uma faísca política acesa é possível acionar essa estrutura de violência que tem por objetivo provocar um choque que cala a própria democracia.”

---

3 A interpretação do acontecimento na Bolívia como golpe de Estado se sustentaria por três aspectos: (i) a interrupção do mandato de um chefe de Governo; (ii) o procedimento inconstitucional; (iii) o papel ativo das forças armadas na definição da renúncia. Ver matéria do jornal *El País* de 12 de novembro de 2019: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/11/internacional/1573500916\\_562089.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/11/internacional/1573500916_562089.html)

Apesar das mudanças na sua configuração desde a sua origem nos anos 1950 (Manso, 2020) e da imprecisão do significado atribuído à milícia, no caso do Brasil, e especificamente do Rio de Janeiro, pode-se adotar a definição proposta por Cano, que compreende a milícia como um conjunto simultâneo de práticas que envolve:

1. O controle de um território e da população que nele habita por parte de um grupo armado irregular.
2. O caráter em alguma medida coativo desse controle dos moradores do território.
3. O ânimo de lucro individual como motivação principal dos integrantes desses grupos.
4. Um discurso de legitimação referido à proteção dos habitantes e à instauração de uma ordem que, como toda ordem, garante certos direitos e exclui outros, mas permite gerar regras e expectativas de normatização da conduta.
5. A participação ativa e reconhecida de agentes do estado como integrantes dos grupos. (Cano, 2008: 59)

O poder das milícias se estende ao controle de diversas atividades econômicas, incluindo a produção imobiliária direta ou o controle da produção imobiliária de interesse social do poder público. Há fortes indícios de que o direcionamento do uso da força pelo Estado, sobretudo por meio das operações militares, e a regulação municipal do mercado imobiliário vem fortalecendo o poder das milícias sobre os territórios populares, como mostra o relatório de pesquisa do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos - GENI/UFF e do Observatório das Metrôpoles - IPPUR/UFRJ (Hirata et al., 2021).

No caso da cidade do Rio de Janeiro, impressiona a expansão do poder das milícias, que crescem e dividem com o tráfico de drogas o controle sobre as favelas e territórios populares (Zaluar e Barcellos, 2013). Como mostra o Mapa dos Grupos Armados no Rio de Janeiro,<sup>4</sup> em 2019 as milícias controlavam 25,5% dos bairros, correspondendo à 57,5% da área territorial da cidade, onde residiam 33,1% da sua população, que estavam de alguma maneira submetidas ao seu domínio armado (Hirata, 2020).

De fato, não parece possível entender este fenômeno a partir da dicotomia legal e ilegal, polícias e bandidos, agentes estatais e agentes

---

4 O Mapa dos Grupos Armados no Rio de Janeiro é produzido em parceria pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (GENI/UFF), o datalab Fogo Cruzado, o Disque-Denúncia, o Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP) e a plataforma digital Pista News (<https://geni.uff.br/2021/03/26/mapa-dos-grupos-armados/>).

paraestatais, porque estas categorias se entrelaçam com fronteiras e dobras indefinidos e de geometria variável (Telles, 2009; 2015).

Além das milícia, parece emergir no Brasil diversas formas de ações coletivas nos territórios populares que se aproximam das características dos contramovimentos sociais, tal como apresentado anteriormente, ainda que relativamente invisibilizadas e nem sempre reconhecidas por não se organizarem no formato tradicional dos movimentos sociais.

Como já dito anteriormente, essas formas de ação parecem ganhar força principalmente nos territórios populares controlados por grupos milicianos. Enquanto as milícias avançam no controle armado dos territórios populares incidindo sobre as suas formas de ação coletivas, no âmbito nacional, emergem outras formas de organização política que atuam na mediação entre valores, agendas e práticas nacionais e locais.

De um lado, surgem diversas organizações nacionais que se autodefinem como suprapartidárias, entre as quais figuram o Acredito, Agora!, Bancada Ativista, Brasil 21, Livres, MBL, RAPS e RenovaBR.<sup>5</sup> Apesar das significativas diferenças entre si, essas organizações têm em comum “se apresentarem como nova política”, frente ao descrédito da política institucional e a crise de representatividade dos partidos tradicionais (Régis et al., 2018: 10). Em geral, são organizações sem um perfil político claro, reunindo uma base social heterogênea, mais situada no espectro do centro ou da direita política, fortalecendo a inflexão conservadora que atravessa o país.

Mas o que é mais importante destacar, é a emergência de grupos de ultra direita, que se auto afirmam como grupos conservadores, de direita ou extrema direita, e que, em geral, apoiam e seguem a liderança do presidente Jair Bolsonaro. Entre esses grupos, destacam-se: NasRuas, Movimento Avança Brasil - MAB, Patriotas Bolsonristas, Movimento Brasil Conservador - MBC, Revoltados Online, Movimento Conservador e o Movimento Brasil Livre - MBL. De todos estes, o MBL é único que rompeu e declara sua oposição ao governo Bolsonaro (Ver Quadro 1).

Além desses grupos, também existem outros menores, alguns organizados em torno de lideranças mais ou menos personalizadas, que também podem ter uma existência mais efêmera, surgindo e desaparecendo com rapidez.<sup>6</sup>

---

5 Para mais informações sobre estas organizações, ver: Acredito – <https://www.movimentoacredito.org/>; Agora! – <http://www.agoramovimento.com/>; Mundo Brasil 21 – <https://pt-br.facebook.com/mundobrasil21/>; Livres – <https://www.eusoulivres.org/>; MBL – Movimento Brasil Livre – <http://mbl.org.br/>; RenovaBR – <https://assets.renovabr.org/>, acessados em outubro de 2019.

6 Entre estes grupos podemos citar: Movimento Direita Livre - MDL (<https://www.facebook.com/MDLOficial/>), Mães Direitas (<https://m.facebook.com/pages/category/Politician/M%C3%A3es-Direitas-114020137046527/>), 300 do Brasil, QG Rural Agro.

**Quadro 1**

Os principais grupos e antimovimentos da ultra direita

<b>Nome</b>	<b>Data de Fundação e número de seguidores ou filiados</b>	<b>Características, agenda e líderes</b>
<b>Patriotas Bolsonaroistas</b>	3/12/2018 25,8 mil seguidores no Facebook	Se autodefinem como grupo de direita do Brasil. Lutam contra os corruptos, apoiam o presidente Bolsonaro, registram que esquerdistas não são bem vindos. Tem como um dos seus líderes Gesseyldo Heber. Apoia o governo Bolsonaro.
<b>Movimento Avança Brasil - MAB</b>	15/02/2015 2.494.774 seguidores no Facebook	Se define como o maior movimento conservador do Brasil. Trabalham para a transformação do Brasil em um Estado liberal. Se define como uma organização não governamental - ONG. Apoia o governo Bolsonaro.
<b>NasRuas</b>	Julho de 2011 1.094.247 seguidores no Facebook	Se autodefinem como um movimento de combate à corrupção e impunidade, e como um movimento economicamente liberal e conservador em seus princípios e valores. Defendem um pauta claramente conservadora que inclui a diminuição do Estado, o voto Impresso, reformas para flexibilização trabalhista, revogação do estatuto do desarmamento, e redução da maioridade penal. Se define como uma uma organização não governamental - ONG. Apoia o governo Bolsonaro.
<b>Movimento Brasil Conservador - MBC</b>	Página criada em 10/05/2018 41.469 seguidores no Facebook	Se autodefine como uma verdadeira comunidade de conservadores, que unidos trabalham pela reconstrução do país, pautados na defesa dos pilares da civilização ocidental e no combate à dominação cultural imposta por ideologias revolucionárias. Apoia o governo Bolsonaro.
<b>Revoltados Online</b>	Página criada em 01/08/2010 2.296 seguidores no Facebook	Se define como uma ONG. Fundador. Parece uma mistura de mídia com organização, dirigida pelo seu criador e líder Marcello Reis. Apoia o governo Bolsonaro.

A página do MDL no Facebook é bastante ilustrativa do perfil desses grupos, se definindo como “um Movimento de Direita, que irá transformar este Brasil, diga não ao Comunismo, diga não a Corrupção. Não somos um partido somos Conservadores!!!”. O site dos 300 do Brasil, fundado pela lider conservadora Sarah Winter estava foragido do ar quando este artigo estava sendo concluído: <https://www.facebook.com/os300bolsonarianos>. Ver também o mapeamento do site IG, disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-06-20/alem-dos-300-conheca-grupos-de-direita-que-apoiam-jair-bolsonaro.html>, acessado em maio de 2021.



<p><b>Movimento Conservador</b></p>	<p>Desde 2016. 146.088 seguidores no Facebook Afirma ter mais de 7.000 filiados e estar organizado em 10 Estados e 75 cidades.</p>	<p>O Movimento Conservador se define como organização política, e defende os valores do patriotismo, da família tradicional, da propriedade privada e da moral judaico-cristã. Tem origem no movimento Direita Paulista, fundada em 2016, que depois se transformou no Direita São Paulo. Em agosto de 2019, o Direita São Paulo passou a se chamar Movimento Conservador. O Movimento criou o Instituto Conservador que atua em diversas frentes: jornalismo (Gazeta Conservadora), aulas de percussão e samba-enredo (Batucada Opressora), prática esportiva (Reações Futebol Clube), organização estudantil (UNECON) e aulas de defesa pessoal (COTE). Afirma ser o maior movimento conservador do país. Líderes: Edson Salomão, Douglas Garcia e Jorge Luís Apoia o governo Bolsonaroista.</p>
<p><b>Movimento Brasil Livre - MBL</b></p>	<p>1 de novembro de 2014 3 mil seguidores no Facebook</p>	<p>Se define como uma organização que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera. Defendem a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia. Se define como uma organização sem fins lucrativos. O movimento foi fundado por Kim Kataguirí, Renan Santos, Gabriel Calamari, Frederico Rauh, Alexandre Santos, Rafael Rizzo e Rubinho Nunes. É uma organização conservadora que não apoia o governo Bolsonaro (dissidência).</p>
<p><b>Movimento Vem Pra Rua</b></p>	<p>Fundação 2014 2.222.597 pessoas seguidores no Facebook</p>	<p>Tem como agenda central a luta contra corrupção. Com valores democráticos e republicanos, espontâneo e suprapartidário, o Vem Pra Rua convida os brasileiros a se unirem para continuar manifestando esta indignação sempre que necessário, com o objetivo de resgatar a esperança sequestrada pela corrupção, exigir mais eficiência e transparência no gasto público e defender a redução da carga tributária e da burocracia. Sonhamos com um Brasil em que cada cidadão possa viver dignamente do seu trabalho e ser atuante na construção de uma sociedade próspera.</p>

Fonte: Pesquisa do autor nas redes sociais:

Patriotas Bolsonaroistas: <https://www.facebook.com/groups/732206173811931/>; Movimento Avança Brasil – MAB: <https://www.avancabrasil.org/> e <https://www.facebook.com/MavancaBrasil/>; NasRuas: <https://pt-br.facebook.com/nasruas> e <http://www.nasruas.net.br/>; Movimento Brasil Conservador: <https://www.eusoumbc.org/> e <https://www.facebook.com/EuSouMBC/>; Revoltados Online: <https://www.facebook.com/revoltadosonline/> e <https://www.revoltadosonline.com.br/>; Movimento Conservador: <https://www.facebook.com/movimentoconservadoricon/> e <https://movimentoconservador.com/>; Movimento Brasil Livre - MBL: <https://mbl.org.br/> e <https://m.facebook.com/mblivre/>; Movimento Vem Pra Rua: <https://www.facebook.com/vempraruas.net/> e <https://www.vempraruas.net/>

A maior parte dessas organizações políticas divulgam nas suas páginas notícias favoráveis ao governo Bolsonaro (muitas das quais contendo notícias falsas ou *fake news*), defendem uma agenda conservadora

(diminuição da maioria penal, contra o aborto, contra o voto eletrônico, diminuição do Estado, etc), tem o comunismo e a esquerda como inimigos a serem combatidos, promovem manifestações públicas defendendo a agenda ultraconservadora e divulgam sites de notícias que consideram confiáveis aos seus valores.<sup>7</sup>

Aliás, os sites de notícias proliferam em conjunto com essas organizações e conformam uma grande lista de veículos a serviço da desinformação e da propaganda ideológica do ultraconservadorismo. Apenas para ilustrar este posicionamento, vale destacar o portal Crítica Nacional que se define como “um projeto que oferece ao público um conteúdo jornalístico online conservador e de direita da melhor qualidade.” O compromisso explícito é de divulgar “algumas das notícias nacionais e internacionais mais importantes acompanhadas de análises fundamentadas, sempre sob o ponto de vista do pensamento conservador e de direita.” Para os editores, o mundo estaria passando por um “processo de desconstrução civilizacional que vem ocorrendo na Europa por conta da aliança estratégica existente entre a esquerda marxista do continente e o islamismo.”<sup>8</sup>

De fato, é possível perceber muitas identidades entre as formas de atuação de vários desses grupos e os movimentos fascistas, tanto no que se refere a sua estética e ao seu repertório de ação, como na agenda em torno das quais eles se organizam.<sup>9</sup> Sergio Pantolfi, em matéria para o site Jornalistas Livres, relata a sua experiência de inserção em grupos bolsonaristas durante dois meses no período da pandemia.<sup>10</sup> Inserido em 10 grupos bolsonaristas no WhatsApp, Pantolfi (2020) constata que “a maioria dos comentários feitos, em sua grande maioria, tem cunho racista, misógino, machista, além de uma quantidade absurda de mensagens contra a imprensa e em apoio à volta da ditadura militar.” Uma das marcas centrais do grupo é a ausência de espaços de livre manifestação da opinião, já que “...é proibido discordar dentro

---

7 Existem muitos sites de notícias da direita ou da extrema direita. Apenas para fins ilustrativos, cito alguns: (i) o site Jornal da Cidade (<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/>), (ii) o portal Crítica Nacional (<https://criticanacional.com.br/>); (iii) a página Extrema-direita da Direita - site de notícias e cultura. Fundada em 6 de janeiro de 2018, a página tem 56.195 pessoas seguidoras no Facebook - <https://www.facebook.com/extremadireitadadireita/>; (iv) a página Direita Extrema - página de notícias e mídia. Criada em 7 de abril de 2020, a página tem 3.885 pessoas seguidoras no Facebook - <https://www.facebook.com/Direita-Extrema-104059631266099>.

8 Cf. <https://criticanacional.com.br/>, acessado em maio de 2021.

9 Ver, por exemplo, <https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhanças-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/>, acessado em maio de 2021.

10 Cf. <https://jornalistaslivres.org/passei-dois-meses-dentro-de-grupos-bolsonaristas-durante-a-pandemia/>, acessado em maio de 2021.

dos grupos, uma vez que o presidente e seus apoiadores sempre estão corretos por definição”.

A proposição defendia neste artigo é que é necessário colocar na agenda de pesquisa essas formas de ação coletiva que estão emergindo, ainda muito invisibilizadas e incompreendidas, que envolvem redes de informação, controle disciplinar e intermediação de interesses individuais e coletivos nos territórios populares. Entre as formas de ação coletiva que emergem nos territórios populares e as organizações políticas que atuam na escala nacional é provável que exista uma série de instituições mediadoras que fazem as traduções —conforme será abordado mais à frente— que são responsáveis por difundir certos valores e práticas que legitimam a inflexão ultraconservadora pela qual atravessa o país.

## **2. O IMPACTO DA INFLEXÃO ULTRACONSERVADORA SOBRE OS PADRÕES DE COESÃO SOCIAL NOS TERRITÓRIOS POPULARES**

Nosso argumento, inspirado e seguindo as pistas de Machado da Silva (2016), está centrado na necessidade de se compreender as práticas milicianas e a violência urbana a elas associadas como uma representação social que envolve um padrão específico de sociabilidade, caracterizado por um conjunto complexo de práticas individuais, coletivas e institucionais.

A reflexão original de Machado da Silva (2016) está centrada na violência urbana enquanto uma representação social, que expressa uma ordem social e não apenas um conjunto de práticas individuais. Desse forma, o autor propõe o conceito de sociabilidade violenta para expressar o padrão de sociabilidade desta ordem social, que poder-se-ia considerar como um elemento constitutivo da coesão social e dos vínculos de solidariedade social, no sentido atribuído por Durkheim (2004), de sistema de práticas e representações compartilhado pelos indivíduos inseridos em uma determinada coletividade.

Consideramos potente as reflexões de Machado da Silva, destacando a necessidade de se reconhecer que a ideia de uma ordem social caracterizada por um único padrão de sociabilidade parece demasiado totalizadora. Assim, para aprofundar esta reflexão, acionamos a abordagem de Harvey (2007) sobre a relação entre particularismos e universais para pensar diferentes padrões de coesão e solidariedade presentes nos territórios.

Nessa perspectiva, os territórios e as comunidades devem ser compreendidos como lugares atravessados por sociabilidades conformadoras de certos padrões de coesão e solidariedade locais. Em geral esses padrões de coesão e solidariedade locais envolvem elementos

contraditórios e conflitivos, valores mais ou menos universais, conservadores ou progressistas, fechados ou abertos para outras relações socioespaciais, reprodutores ou contestatórios da ordem social vigente, elementos estes que estão constantemente em disputa.

Os ativismos políticos de base territorial envolvem a mobilização e o engajamento de grupos sociais na reprodução ou transformação da realidade e a difusão ou sustentação, de forma explícita ou implícita, de certos padrões de coesão e solidariedade locais. Desta forma, os ativismos políticos de base territorial podem ser interpretados como formas de particularismo militante, tal como desenvolvido por Harvey a partir da formulação original de Raymond Williams (Harvey, 2007), mas sempre estão influenciados ou marcados por valores que se pretendem mais ou menos universais. A ideia do particularismo militante se refere ao caráter sempre parcial, historicamente situado e inacabado —mesmo que se pretenda universal, jamais será totalizante— dos projetos, valores e práticas mobilizados pelos agentes engajados. Assim, Harvey (2007: 206) argumenta “que todas as políticas (não importa de que tipo nem se o seu objetivo é local, urbano, regional, nacional ou planetário) têm sua origem no desenvolvimento coletivo de uma visão política determinada, por parte de pessoas determinadas, em lugares e momentos determinados”.<sup>11</sup>

Essa reflexão pode ser articulada à tríade lefebvriana do percebido, concebido e vivido, que em termos espaciais se expressam como práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação (Lefebvre, 2013). É a partir dessa abordagem em torno dos padrões de coesão social, das formas associativas, das identidades coletivas e dos repertórios de ação conflitual que pretendemos contribuir para alargar a compreensão do fenômeno das milícias e da emergência de contramovimentos ultraconservadores, desde a perspectiva da teoria urbana crítica.

No contexto brasileiro mais recente, parece possível reconhecer que, nos territórios populares, os antigos padrões de coesão e solidariedade fundados no comunitarismo associativo e nas comunidades eclesiais de base, tão característicos das décadas de 1970 e 1980 (Sader, 1988), se enfraqueceram ou se fragmentaram.

Simultaneamente, as igrejas evangélicas neopentecostais, o tráfico de drogas e as milícias se disseminaram nos territórios populares. Nesta perspectiva, é possível ver essas organizações como forças que disputam e promovem certo particularismo militante, mantidos por meio do controle armado e violento dos territórios populares e das favelas. É preciso investigar e entender como esses grupos controlam e atuam

---

11 Esta e as demais citações de Harvey (2007) são traduções livres do autor.

na produção do território, que padrões de coesão e solidariedade locais estão sendo promovidos e quais são suas fontes de sua legitimidade na comunidade.

Como já dissemos, as forças sociais e os ativismos promotores das coesões e solidariedades locais —entendidas como modalidades de particularismo militante local ou comunitário— podem ser mais ou menos fechados para si ou abertos para articulações políticas mais amplas. Nesse sentido, é preciso identificar os vínculos e as articulações existentes entre os diversos particularismos e algumas modalidades de universais.

Como Harvey adverte, particularismos militantes para si tendem a ser ou a se transformar em movimentos conservadores, mas a perspectiva dialética

ensina que sempre existe a universalidade na relação com a particularidade: não se pode separar uma da outra ainda que sejam momentos distintivos de novas operações conceituais e de nossos compromissos práticos. A ideia de justiça social, por exemplo, adquire universalidade mediante um processo de abstração de exemplos e circunstâncias particulares. (2007: 210)

Harvey argumenta que a relação entre particularismos militantes e universais depende da mediação e da tradução realizada por instituições mediadoras, como a língua, a família, os meios de comunicação, os costumes e as leis, as organizações sociais dos territórios específicos (Harvey, 2007). O trabalho de mediação diz respeito tanto à relação do pessoal —os agentes individuais— e o mundo social mais amplo (relação do “eu” com o mundo), como também à relação entre os padrões de solidariedade e formas de coesão locais com padrões de solidariedade e valores sociais mais amplos (relação “nós” com o mundo social). A relação entre particularismos militantes e universais envolve o movimento ativo de instituições locais para fora, como de instituições supralocais, mais amplas, para dentro dos territórios locais. Aqui o ponto essencial é ver os ativismos, conservadores ou progressistas, como instituições mediadoras, que operam na tradução entre particularismos e universais.

Nesse sentido, é fundamental identificar e refletir sobre essas instituições mediadoras e as traduções que estas têm realizado, envolvendo aquelas presentes e atuantes nos territórios (movimento de dentro para fora) e aquelas atuantes em escalas supralocais (movimento de fora para dentro).

Na inflexão ultraconservadora, os antimovimentos sociais anteriormente identificados, e as mídias e sites de notícia de direita e de extrema direita têm sido mediadores entre universais ultraconservado-

res e modalidades de particularismo militante de base territorial, em especial por meio das milícias e das igrejas neopentecostais.

### **3. NOTAS PRELIMINARES SOBRE AS PRÁTICAS DAS MILÍCIAS NA PERIFERIA DA METRÓPOLE FLUMINENSE**

A ideia original deste artigo era aprofundar este debate incorporando uma reflexão sobre o controle das milícias sobre os conjuntos Minha Casa Minha Vida,<sup>12</sup> espalhados pela Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os conjuntos do programa Minha Casa Minha Vida destinados as populações de baixa renda estão quase todos localizados em áreas periféricas, tanto na cidade do Rio de Janeiro como nas demais cidades da metrópole, em especial na região da Baixada Fluminense (Cardoso, Mello e Jaenisch, 2015). No entanto, a pandemia do Covid-19 interrompeu o trabalho de campo, que tinha sido iniciado em janeiro de 2020 e foi paralisado em março deste mesmo ano, impedindo a produção do levantamento planejado. Como durante o trabalho de campo tinham sido realizadas apenas três entrevistas, em um único município da Baixada Fluminense, minha intenção é apenas registrar na forma de notas algumas impressões e reflexões decorrentes destas conversas.<sup>13</sup>

Discutindo com outros trabalhos e pesquisadores (Cano e Duarte, 2012; Misse, 2011; Zaluar e Conceição, 2007), é possível identificar diferenças nas práticas e nas representações sociais em torno das milicianas na Baixada Fluminense e no município do Rio de Janeiro, diferenças estas que podem envolver os serviços prestados e controlados pelos grupos milicianos; as formas de cobranças desses mesmos serviços; as relações com os espaços políticos, envolvendo sobretudo os poderes executivos e legislativo locais; as relações com os órgãos policiais; e as práticas de extermínio. Ao mesmo tempo, independente das especificidades, parece existir um núcleo comum assentado no tripé polícia, política, comércio associados ao domínio armado de um determinado território.

Como já vimos anteriormente, podemos dizer que as milícias são grupos que exercem o poder e o controle territorial sobre comunidades, explorando atividades econômicas que deveriam ser exercidas pelo poder público ou pelo mercado, tais como segurança e serviços públicos de gás, internet, TV, iluminação, produção imobiliária, transporte, etc, exercendo seu poder por meio da coação física (por meio

---

12 O programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV era um programa do Governo Federal, criado durante o governo Lula, que tinha por objetivo promover a produção de unidades habitacionais para famílias de baixa renda, com subsídios que chegavam a 100% para as faixa de renda mais baixa.

13 Por uma questão de segurança, os nomes e a local de moradia dos três interlocutores que entrevistei durante o trabalho de campo estão omitidos.

da posse de armas de fogo e outros instrumentos) ou psicológica das pessoas (por meio do medo), mas também pela adesão e legitimação obtida no território. Em geral são grupos compostos por (ex)policiais, (ex)bombeiros, (ex)agentes penitenciários, políticos, mas também por outras pessoas civis.

Na Baixada Fluminense, meus interlocutores indicaram o controle por grupos milicianos sobre um amplo conjunto de serviços, entre os quais se destacam a venda de cestas básicas (alimentos), controle de linhas de transporte (por Vans ou Kombis), venda de serviços de internet e TV à cabo, prestação de serviços de segurança e venda de gás.

Nas conversas, sobressaem diversas noções de milícia. O termo milícia pode significar o controle violento, associado à violência e ao medo, em especial para quem mora nesses territórios e se sente inseguro com as práticas desses grupos. Nesse caso, expressa-se nas opiniões de que “está tudo dominado”, “é tudo milícia”, e isso se reflete no medo de falar sobre as milícias em espaços públicos, expressando o controle e a violência moral e psicológica exercida por estes grupos. Esse controle territorial pode estar legitimado como bom (traz segurança, combate o tráfico de drogas, etc) ou como ruim (pela violência, ameaças e assassinatos). Para além da violência, a ideia de milícia recorrentemente pode estar associado à extorsão dos moradores em troca da prestação de serviços, como já mencionado anteriormente. Mas nem todas as práticas são mercantilizadas, vinculadas a venda de serviços. Também são identificadas práticas assistencialistas mediada pelos milicianos, envolvendo a intermediação de vagas em creches ou escolas, transporte de doentes para hospitais e outros favores.

Assim, de acordo com o interlocutor considerado e com a natureza da sua relação com estes grupos, as práticas milicianas podem assumir uma conotação negativa ou positiva e pode-se nomear ou não estes grupos como milícias. É muito frequente o uso indiscriminado dos termos milícia, matador, justiceiro ou esquadrão da morte para nomear pessoas e grupos vinculados à estas práticas. É frequente em algumas falas a tensão entre os termos milícia e matador, no qual a milícia apareceria próxima das práticas de extorsão e o matador às de justiceiro, segurança e proteção.

A fronteira entre estas noções ou definições não é rígida e percebe-se que uma mesma pessoa pode usar o termo milícia em uma mesma conversa para significar diferentes tipos de práticas: controle territorial, proteção e segurança, venda de serviços, prestação de favores, entre outras. O termo pode variar, mas a representação social está associada a um conjunto de práticas comuns aquilo que vem sendo denominado como milícia.

De fato, as conversas mantidas no campo de pesquisa revelam esta imprecisão no conceito de milícia. Essa imprecisão pode levar a identificar alguém como miliciano ou não, dependendo do contexto. Em outras palavras, uma pessoa pode ser chamada de miliciano em um contexto e em outro não, dependendo quando se pretende valorar positivamente ou negativamente suas práticas. Mas independente da valoração positiva ou negativa, um traço comum nas práticas promovidas pelos grupos milicianos é a violência, o controle da vida e da morte em um determinado território. Entre estes territórios, se destacam os conjuntos Minha Casa Minha Vida, que abrigam cada um centenas ou milhares de famílias morando em apartamentos destinados à população de baixa renda.

As milícias nos municípios da Baixada Fluminense, que pode ser diferentes em alguns aspectos das milícias da cidade do Rio de Janeiro, poderiam ser inicialmente caracterizadas por: (i) serem composta por moradores locais; (ii) serem bastante fragmentadas e com frágil articulação com estruturas verticais de comando de âmbito municipal ou estadual; (iii) operarem menos com a comercialização de serviços e mais com as velhas práticas dos esquadrões da morte e dos matadores, centralmente no campo da segurança; (iv) manterem algum tipo de relação com as instituições policiais da região; (v) manterem fortes vínculos com os espaços políticos institucionais, onde sobressai o grande número de vereadores e deputados estaduais e federais identificados como milicianos ou associados à grupos milicianos.<sup>14</sup> Os políticos milicianos ou próximos aos grupos milicianos também são identificados como políticos da base bolsonarista, tal como os políticos ligados às igrejas pentecostais. Nas áreas identificadas como de milícia, o controle sobre o território é muito forte nas eleições, sendo comum a existência de candidatos apoiados tanto pelos grupos milicianos como pelas igrejas pentecostais, ao mesmo tempo em que é proibida a entrada de outros candidatos.

Se por um lado, meus interlocutores não observam o controle direto de grupos milicianos sobre as associações de moradores, por outro, eles destacam o medo das pessoas em participar de organizações comunitárias em áreas dominadas por milícias. Quem mora em uma área dominada por milícia está permanentemente constrangido a ter que negociar com estes grupos. Isso fica bastante evidente no caso dos conjuntos Minha Casa Minha Vida.

---

14 A relação entre milícia, polícia e política é noticiada por diversas reportagens. Ver, por exemplo, <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/milicia-do-rio-se-infiltra-na-policia-e-na-politica-para-expulsar-rivais-e-expandir-territorio/index.htm#tematico-1?cmpid=copiaecola>, acessado em maio de 2021.



Um dos meus interlocutores estava condenado pela justiça por supostamente ter integrado um grupo de milícia, o que ele próprio nega, e encontrava-se foragido no momento da entrevista. Tendo morado em dois conjuntos do Programa Minha Casa Minha Vida na Baixada Fluminense, ele considera o “programa espetacular”. Mas ao mesmo tempo, destaca: “mas tem um erro. O governo tinha que olhar os locais onde esses projetos estão sendo construído. Todas os projetos estão em áreas vulneráveis, controladas por milícia ou pelo tráfico de drogas. E nada do projeto original foi realizado: não tem creche, escola, posto de saúde. Em nenhum projeto Minha Casa Minha Vida teve investimento em equipamentos públicos.” Nesse sentido, ele destaca que todos os moradores eleitos como síndicos dos conjuntos vão acabar tendo que dialogar e negociar com os grupos que dominam o território, sejam estes ligados à milícia ou ao tráfico de drogas. Nas suas palavras, “mesmo que você seja do bem, você vai ser do mal. Mesmo que você não faça nada, você vai ser envolvido.”

Compreender as conexões entre a emergência de antimovimentos ultraconservadores no âmbito nacional e a expansão das milícias no âmbito dos territórios populares pode abrir uma pista sobre os processos que levaram um significativo número de eleitores a aderir ao projeto conservador e a votar em Jair Bolsonaro.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS DISPUTAS POR NOVOS PADRÕES DE SOLIDARIEDADE E COESÃO LOCAIS NA PERSPECTIVA DA INSURGÊNCIA E DO DIREITOS À CIDADE**

Como os movimentos sociais são uma forma específica de política conflituosa, ou seja, pressupõem o conflito, as formas de controle do espaço urbano baseadas na força, nos dispositivos de segurança, vigilância, coerção e repressão atingem diretamente a dinâmica e o repertório de ação dos movimentos sociais. Nessa perspectiva, cabe pontuar algumas questões na perspectiva de contribuir com uma agenda de pesquisa sobre estes temas no campo da teoria urbana crítica.

Em primeiro lugar, cabe acompanhar e analisar o uso dos dispositivos de controle sobre os territórios e sobre os corpos das pessoas, e, em especial, a crescente repressão às formas de representação dos moradores e às suas manifestações públicas, a criminalização dos movimentos sociais e de suas lideranças, e o assassinato de lideranças políticas populares.

Como afirma Rocha (2018, p. 227), nas favelas do Rio de Janeiro crescentemente constata-se “o enfraquecimento do papel de representação das associações [de moradores], em função do esvaziamento do espaço público local causado pelos constrangimentos impostos pelos grupos armados ali atuantes: quadrilhas de traficantes e grupos de

policiais e/ou milicianos.” Esse processo tem gerado ou o controle das associações por esses grupos armados ou simplesmente o seu desaparecimento. Com efeito, este domínio vem “causando a morte ou a expulsão de muitos dirigentes de suas casas e territórios de moradia” e atingindo também as organizações não governamentais —ONGs—, que começam a atuar de forma mais incisiva nas favelas cariocas no momento de declínio das associações de moradores, como forma e como forças ativas e aglutinadoras dos moradores de favelas.” (ROCHA, 2018, p. 227-228).

Nesta perspectiva, os conceitos de necropolítica e necropoder, formulados por Mbembe permitem compreender os dispositivos “que subjagam a vida ao poder da morte”, e

as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. (Mbembe, 2016: 146)

Por meio das intervenções militares promovidas pelo Estado ou da violência e do controle armado estabelecidos por grupos milicianos ou pelo tráfico, os territórios populares, em especial as favelas, são território por excelência do exercício da necropolítica e do necropoder, que atingem, sobretudo, as populações afrodescendentes que se constituem em maioria nestas localidades.

No que se refere à relação do Estado com os territórios populares, percebe-se o agravamento dos dispositivos de violência e militarização, o que tem levado diversas organizações a denunciar o racismo institucional e uma política de genocídio por parte das instituições policiais, tendo em vista que a maioria da população assassinada por agentes do Estado é afrodescendente (Plataforma Dhesca-Brasil, 2017).

Em segundo lugar, é necessário acompanhar as mudanças nos repertórios de ação e nas performances conflituais dos próprios movimentos sociais, como resposta ao uso desses dispositivos de violência e controle dos territórios populares. As ocupações culturais dos espaços públicos, as ocupações e lutas pelo comum (Dardot e Laval, 2017), e as reivindicações do direito à cidade como um comum (Harvey, 2014) parecem ser algumas das mudanças nesses repertórios, que também envolvem as estratégias de proteção jurídica e a internacionalização das denúncias de violações de direitos humanos.

De fato, estamos diante de fenômenos que alteram e reconfiguram profundamente as relações entre violência-terror, indivíduo, comunidade, território, pertencimento, resistências e insurgências, e compre-

ender isso é fundamental para a teoria e a prática comprometidas com a transformação radical da sociedade.

A noção de insurgências é acionada aqui de forma aberta, remetendo a ideia de contestação à ordem vigente e tem por ancoragem diversos autores, entre os quais destacam-se: Tilly (2010) e sua conceituação dos movimentos sociais como uma forma de ação política conflitual; Holston (2013) e sua formulação em torno da cidadania insurgente como reivindicações sociais que confrontam padrões dominantes de cidadania; Miraftab (2016) e a proposição do planejamento insurgente como uma ação que alarga os espaços de participação para além daqueles sancionados pelo poder público, ou seja, os ditos espaços convidados, institucionais; e Lefebvre (1999, 2008) com sua reflexão em torno dos espaços isotópico, heterotópicos e utópicos, o que permite interpretar as práticas heterotópicas como ações coletivas pela desmercantilização da cidade, por meio da promoção de novas formas de apropriação dos espaços urbanos comuns que se contrapõem à lógica do capital (isotopia) fundada no valor de troca.

Por fim, torna-se necessário identificar os “campos de força que se estruturam nas dobras do legal e ilegal” (Telles, 2014). A identificação desses campos de força permitiriam compreender a

dinâmica dos conflitos, disputas e tensões que se armam nesses pontos de fricção com as forças da lei e da ordem, no jogo oscilante de práticas que transitam entre tolerância, formas de negociação, dispositivos de controle e repressão. É por esse prisma que se pode dizer que nesses campos de força se processa uma disputa pelos sentidos de ordem e seu inverso, bem como os critérios de legitimidade dos ordenamentos sociais que vêm se engendrando nas fronteiras incertas —e em disputa— do legal e ilegal. (Telles, 2014: 58)

O ponto central aqui é, como afirmar Harvey (2007: 208), “entender como se constroem ou como se podem construir as solidariedades locais e as coesões políticas [...] para pensar como se poderia efetivar propostas de transformação social”, na perspectiva emancipadora radical, tendo em vista a complexidade da nossa contemporaneidade e o contexto de neoliberalização e inflexão ultraconservadora. Em suma, Harvey conclui, “todos os movimentos políticos têm que enfrentar de alguma maneira a questão da localidade e da ‘comunidade’”, ou seja, a questão do território, na busca de formas alternativas de vida urbana.

Assim, torna-se uma tarefa crucial, para teoria e prática urbanas na América Latina, compreender e atuar na articulação dos territórios com projetos societários mais universais, contribuindo na construção de padrões de solidariedade locais dentro de um marco político mais amplo emancipador.

Nesta perspectiva, entendemos que é um desafio recolocar na agenda de pesquisa da teoria urbana crítica buscar entender, no contexto da inflexão neoliberal, as condições que tornam possíveis, a emergência de insurgências e rebeldias criativas, identificando as traduções e mediações que permitem construir os comuns, ou seja, prática sociais de comunalização, na perspectiva do direito à cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, Angela (2012). Repertório, Segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, 2 (3), 21-41.
- Brenner, Neil (2012). What is critical urban theory? In Neil Brenner; Peter Marcuse e Margit Mayer, *Cities for people, not for profit* (pp. 11-23). London: Routledge.
- Cano, Ignácio (2008). Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro. In Justiça Global, *Segurança, tráfico e milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- Cano, Ignacio e Duarte, Thais (2012). *No sapatinho: a evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008-2011)*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- Cardoso, Aduino; Mello, Irene de Queiroz e Jaenisch, Samuel Thomas (2015). A implementação do Minha Casa Minha Vida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In Caio Santo Amore; Lúcia Zanin Shimbo e Maria Beatriz Cruz Rufino (Orgs.), *Minha casa... e a cidade? Avaliação do programa Minha Casa Minha Vida em seis estados brasileiros* (pp. 73-102). Rio de Janeiro: Letra Capital.
- Dardot, Pierre e Laval, Christian (2017). *Comum: ensaios sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo.
- Durkheim, Émile (2004). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gentili, Pablo (Ed.) (2016). *Golpe en Brasil: genealogía de una farsa*. Buenos Aires: CLACSO / Fundación Octubre / UMET.
- Gohn, Maria da Glória (2008). *Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Edições Loyola.
- Graham, Stephen (2016). *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar*. São Paulo: Boitempo.
- Harvey, David (2007). *Espacios del capital: hacia una geografía crítica*. Madrid: Akal.
- Harvey, David (2014). *Cidades rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hirata, Daniel (25 de dezembro de 2020). A Expansão das Milícias no Rio de Janeiro. *Nexo*. <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/>

- debate/2020/A-expans%C3%A3o-das-mil%C3%Adcias-no-Rio-de-Janeiro.
- Hirata, Daniel Veloso; Cardoso, Adauto; Grillo, Carolina Christoph; Santos Junior, Orlando; Lyra, Diogo; Dirk, Renato; Ribeiro, Rodrigo; Petti, Daniela; Sampaio, Júlia (2021). *A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados*. Relatório Final de Pesquisa do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (GENI/UFF) e do Observatório das Metrôpoles (IPPUR/UFRJ). Rio de Janeiro.
- Holston, James (2013). *Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lefebvre, Henri (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Lefebvre, Henri (2008). *Espaço e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Lefebvre, Henri (2013). *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing.
- Loureiro, Isabel e Singer, André (Orgs.) (2016). *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo.
- Mbembe, Achille (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios – Revista do PPGAV-EBA/UFRJ*, 32, 123-151.
- Miraftab, Faranak (2016). Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 18 (3), 363-377. <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/download/5499/4751>
- Misse, Michel (2011). Crime organizado e crime comum no Rio de Janeiro: diferenças e afinidades. *Revista Sociologia e Política*, 19 (40), 13-25.
- Manso, Bruno Paes (2020). *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.
- Pantolfi, Sergio (6 de agosto de 2020). Passei dois meses dentro de grupos bolsonaristas durante a pandemia. *Site Jornalistas Livres*. <https://jornalistaslivres.org/passei-dois-meses-dentro-de-grupos-bolsonaristas-durante-a-pandemia/>.
- Plataforma DHESCA Brasil (setembro de 2017). Relatório sobre os impactos da política econômica de austeridade na violação dos direitos humanos no Brasil. *Plataforma DHESCA*. <http://austeridade.plataformadh.org.br/>.
- Prates, Daniela M.; Fritz, Barbara; Paula, Luiz Fernando de (2017). Uma avaliação das políticas desenvolvimentistas nos governos do PT. *Cadernos do Desenvolvimento*, 12 (21), 187-215.
- Régis, André; Cruz, Aline Santa; Santos, Myllena; Hayashi, Renato (2018). Renovação política ou camuflagem eleitoral? Um raio-x da “nova” política brasileira. *Revista de Estudos Eleitorais*, 2 (3), 6-13.

- Rezende, Patrícia Jimenez (2016). *Movimentos sociais e contramovimentos: mobilizações antiaborto no Brasil contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Ciências sociais – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos.
- Rocha, Lia de Mattos (2018). Democracia e militarização no Rio de Janeiro: “pacificação”, intervenção e seus efeitos sobre o espaço público. In Leite, Márcia; Rocha, Lia; Farias, Juliana; Carvalho, Monique, *Democracia e militarização no Rio de Janeiro: “pacificação”, intervenção e seus efeitos sobre o espaço público* (pp. 223-239). Rio de Janeiro: Editora Mórula.
- Silva, Luiz Antônio Machado (2016). *Fazendo a Cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas*. Rio de Janeiro: Mórulam.
- Singer, André (2015). Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). *Novos Estudos CEBRAP*, 102, 43-71.
- Singer, André (2018). Do sonho rooseveltiano ao pesadelo golpista: a ascensão e o declínio do lulismo. *Revista Piauí*, 140, 1-20.
- Telles, Vera (2009). Ilegalismos urbanos e a cidade. *Novos Estudos CEBRAP*, 84, 153-173.
- Telles, Vera (2014). Fronteiras da lei como campo de disputa: notas inconclusas a partir de um percurso de pesquisa. In Patrícia Birman; Márcia Pereira Leite; Carly Machado; Sandra de Sá Carneiro (Orgs.), *Dispositivos urbanos e trama dos viventes: ordens e resistências* (pp. 55-76). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Theodore, Nik; Peck, Jamie e Brenner, Neil (2009). Urbanismo neoliberal: la ciudad y el imperio de los mercados. *Temas Sociales*, 66, 1-11.
- Tilly, Charles (2010). Movimentos sociais como política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 3, 133-160.
- Tilly, Charles (2013). *Democracia*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vitagliano, Luis Fernando (15 de novembro de 2019). As milícias se tornaram a ponta de lança do golpe boliviano e modelo para toda a região. *Carta Capital*. [https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/dos-cristais-a-porcelana-a-america-latina-na-mira-dos-milicianos/?utm\\_campaign=novo\\_layout\\_newsletter\\_-\\_15112019&utm\\_medium=email&utm\\_source=RD+Station](https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/dos-cristais-a-porcelana-a-america-latina-na-mira-dos-milicianos/?utm_campaign=novo_layout_newsletter_-_15112019&utm_medium=email&utm_source=RD+Station)
- Wood, Ellen Meiksins (2011). *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo.
- Zaluar, Alba e Conceição, Isabel Siqueira (2007). Favela sob o controle das milícias no Rio de Janeiro: que paz? *São Paulo em Perspectiva*, 21 (2), 89-101.